



RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: EXPERIÊNCIAS E DIÁLOGOS ENTRE ESCOLA PÚBLICA E UNIVERSIDADE

Josiene Almeida Virgínio¹
Jussara Natalia Moreira Bélen²

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar o relato de uma experiência vivida no Programa Residência Pedagógica de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba. Esse Programa foi instituído pela Capes em 2018 e objetiva fomentar o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. A formação inicial dos novos docentes precisa dialogar com a realidade da escola de educação básica e a universidade necessita problematizar essa formação tendo como base a realidade que os futuros professores se depararão no exercício posterior de sua profissão. Nesse contexto, precisamos refletir o processo de formação dos alunos de licenciatura compreendendo questões como: o funcionamento da escola de educação básica, o ritmo de aprendizagem dos alunos, o currículo, a avaliação, entre outros. Teoricamente nos fundamentamos, principalmente, em Freire (2003) e Bondía (2002). Na metodologia, recorreremos à observação direta Lakatos e Marconi (1992) e a uma pesquisa etnográfica segundo Rocha (2008). As principais contribuições desse estudo se dão em torno do entendimento da importância da formação inicial dos novos docentes e sua imersão no contexto da escola de educação básica, assim como, o crescimento intelectual e o aprimoramento da prática pedagógica da professora/preceptora num processo de formação contínua.

Palavras-chave: Experiência. Escola. Universidade. Diálogo.

INTRODUÇÃO

Além de ter o objetivo de formar alunos e cidadãos, a escola é responsável por promover uma educação de qualidade (Lei n 9.394 – LDB: Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional). E isso passa pela formação adequada de seus docentes afirma Tardif (2014), que assegura, a relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos. Para ele, o saber docente é plural, é formado por diferentes tipos de saberes, dentre os quais, destacamos o saber da formação profissional que ele define como “o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições formadoras” (p. 36). Ressaltamos esse por demonstrar uma relação mais aproximada com a temática deste estudo, que tem como objetivo relatar a experiência vivida pela autora desse trabalho no Programa Residência Pedagógica de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba, no

¹ Mestra em Educação pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, josiene.virginio@bol.com.br;

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, jussarabelens@gmail.com.



período de julho de 2018 a dezembro de 2019, como professora preceptora³, preservando a relevância dessa experiência para a formação de professores/as tanto dos graduandos/as do curso de licenciatura em Sociologia e uma oportunidade de qualificação contínua para a professora preceptora.

As legislações de educação vigentes, apontam a necessidade de formarmos adequadamente as/os profissionais do ensino. Nessa perspectiva Rodrigues (2004), ressalta que preparar, formar bem as/os professoras/es, parece ser uma conjugação de oportunidades, de fazeres e dizeres pedagógicos que corporificam a ação docente, o trabalho do ensino. Para a autora citada, situar a formação da/o professora/or no mundo de hoje, é contextualizar seu papel na escola e na sociedade. Nesse sentido, é preciso resgatar o debate, a reflexão acerca da formação das/os profissionais responsáveis pela formação de outras/os e isso, primeiramente, nas agências formadoras. De certo, mais uma vez, isso guarda uma relação com o tema deste artigo, por se tratar de uma descrição vivida num programa de formação para futuras/os professoras/os.

Com a finalidade de dar uma maior consistência teórica a nosso estudo nos fundamentamos, principalmente, em Paulo Freire (2003), absorvendo de seus escritos o conceito de diálogo que, segundo o mesmo, é inerente à condição humana e fundamental no processo de ensino e aprendizagem em que educadores e educandos são atuantes e igualmente importantes. E em Jorge Bondiá (2002), discutindo as ideias do mesmo sobre experiência. Para ele, a experiência e o saber da experiência emergem das vivências reais e que, atualmente, estão sendo prejudicados pelo excesso de informação e a agilidade com que tudo ocorre, nos impedindo de experienciar situações reais de auto reflexão e introspecção, atividades importantes na construção de nossa subjetividade. Em termos de metodologia, nos orientamos por Lakatos e Marconi (1992) com seu conceito de observação direta e Rocha (2008) com a etnografia.

Assim, refletimos a nossa participação como professora/preceptora no Programa da Residência Pedagógica de Sociologia-CAPES-UEPB como uma experiência de formação de professores/as baseada no diálogo entre universidade e escola pública que redimensionou o fazer docente no ensino de sociologia.

METODOLOGIA

³ É o responsável por conduzir e supervisionar, por meio de orientação e acompanhamento, o desenvolvimento dos alunos de licenciatura na escola de educação básica.



O Programa Residência Pedagógica foi instituído em 2018 através da Portaria 38/2018 da Capes. Nossa participação no referido programa se deu na Universidade Estadual da Paraíba onde fomos submetidas/os a uma entrevista com a Professora Jussara Belens⁴, Coordenadora da Residência Pedagógica de Sociologia. Nesse período, julho a agosto de 2018, trabalhávamos como professora efetiva de Sociologia na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira em Areia-PB.

Aprovada na entrevista, começamos a vivência na Residência que ocorreu de julho de 2018 a janeiro de 2020. O Programa tinha como objetivo possibilitar o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão da/o licencianda/o na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. Na prática, o Programa começou a se desenvolver com os encontros de formação que ocorriam na Universidade envolvendo as/os trinta alunas/os residentes, os professores preceptores e a professora coordenadora do subprojeto de Sociologia. Em seguida, ocorreu a vinda das/os licenciandas/os á escola de educação básica para o período de observação das aulas. A partir de fevereiro de 2019 começou o período destinado à regência de aula, além do envolvimento das/os futuras/os docentes em outras atividades da escola, a exemplo da Mostra Pedagógica, de Planejamento Pedagógica, Reunião de Conselho Escolar e o Projeto de Intervenção no qual desenvolvemos o projeto de formação do Grêmio Estudantil, o qual falaremos mais detalhadamente no decorrer desse trabalho. Como professora preceptora, nossas principais competências eram receber as/os residentes na escola, orientá-las/os quanto ao modo de se comportar, encaminhar a elaboração dos planos de aulas e assistir as aulas, sempre realizando uma avaliação posteriormente.

Neste estudo, recorreremos à observação direta, segundo Lakatos e Marconi (1992), consiste em um tipo de atividade que utiliza os sentidos na obtenção de determinado aspecto da realidade. Para elas, trata-se de um método de acompanhamento presencial do processo a ser modelado que sujeita o estudioso a um contato mais direto com a realidade. Levando em consideração que este artigo objetiva descrever uma experiência vivida pela autora, optamos por utilizar essa tipologia de pesquisa.

Este estudo também se insere num contexto de pesquisa etnográfica, em conformidade com o que pontua Rocha (2008), para ele a interação é a condição da pesquisa, trata-se de uma relação que se prolonga no tempo e nos espaços sociais vividos. Por consequência, a

⁴ Jussara Natalia Moreira Belens é professora do Departamento de Ciências Sociais da UEPB.



descrição e a interpretação do contexto pesquisado, são ações que fundamentam uma pesquisa etnográfica.

Analisando essas concepções metodológicas, consideramos está amparadas/os de modo a compreender o processo de descrição da experiência vivida, estando sempre inseridas/os dentro do contexto mencionado e participando ativamente de todas as etapas descritas.

REFERENCIAL TEÓRICO

INICIANDO O DIÁLOGO COM A UNIVERSIDADE

O propósito deste relato é descrever como ocorreu nossa experiência na Residência Pedagógica. Com alguns anos de exercícios no magistério, temos sempre considerado a formação continuada como fundamental para o aperfeiçoamento da prática pedagógica. Graduada em Pedagogia e Ciências Sociais, especialista e mestre em educação, apreciamos a Universidade como um espaço privilegiado, onde o saber é problematizado, debatido e isso nos encanta, à medida que contribui para a reflexão e, conseqüentemente, melhorar a práxis educativa.

Era julho de 2018, estávamos trabalhando normalmente na escola, sentindo a falta de ajuda, de acompanhamento, uma vez que, a/o professora/or de Sociologia se sente solitária/o na sua prática e na escola. Nesse contexto, recebemos uma ligação telefônica de uma professora da Universidade Estadual da Paraíba, falando a respeito do Programa Residência Pedagógica de Sociologia e da oportunidade da nossa participação. Inicialmente, achamos que tratava-se de uma brincadeira, visto que, como já nos referimos, a/o docente de Sociologia vive muito solitária/o no seu ambiente de trabalho e carente de participação em formação continuada. Não obstante, a professora da UEPB revelou que tinha entrado em contato com a escola e que o pessoal havia repassado o número de nosso telefone e insistiu que não era uma brincadeira. Nesse primeiro contato, ela explicou rapidamente o que era o Programa e o que tínhamos de fazer para poder participar. A partir dessa primeira comunicação, fomos conversando através das redes sociais e isso foi uma oportunidade de irmos conhecendo aos poucos a Residência.

Em seguida, participamos da entrevista, critério de inserção no Programa, onde mencionamos, agora de forma mais consistente, a dificuldade de ser professora de Sociologia



na escola de educação básica no Brasil. Falamos da falta de formação continuada para esta/e docente, questão que consideramos de extrema relevância para a/o professora/o refletir sobre sua prática e, conseqüentemente, melhorá-la. Sobre isso recorremos a Rodrigues (2004), que aponta a necessidade de construção de processos e a proposição de alternativas que busquem a formação continuada de seus docentes. Para ela, quando as/os professoras/es socializam suas experiências pedagógicas e buscam soluções, coletivamente, para os problemas enfrentados cotidianamente, isso constitui-se em espaço de desenvolvimento profissional das/os professoras/os. Por sua vez, Freire (1996), ao falar da formação permanente das/os professoras/es, considera a reflexão crítica da prática, uma ação fundamental para o melhoramento da mesma. Para ele, as/os educadoras/es precisam está em constante pesquisa e reflexão de sua prática para aperfeiçoar sua próxima prática.

Nessa mesma oportunidade, citamos a desvalorização dessas/e profissional na escola e esse descaso a/o professora/o de Sociologia sente da parte da gestão, quando esta não dá importância, não valoriza seu trabalho e, muitas vezes, não dá oportunidade para que essa/e professora/or participe, se envolva nas atividades da escola. Essa desvalorização também vem de seus pares, muitas vezes, embutida em ações e discursos no dia a dia escolar. À propósito, citamos Bauman (2010), a Sociologia nos ensina a pensar, ela coloca em questão aquilo que é inquestionável, faz perguntas que muitos gostariam que fossem esquecidas, daí ela parecer irritante e perturbadora. Ressaltamos também, na entrevista, a questão da quantidade de aulas, apenas uma por semana que varia de 40 a 45 minutos semanal. Esse tempo de aula é insuficiente para fazermos um trabalho mais consistente em termos dos conteúdos da base curricular. Se considerarmos as concepções de Bauman citadas acima, compreenderemos esse tempo de aula reduzido e a forma como esse componente e sua/eu docente são tratadas/os na escola.

Depois da entrevista onde fomos aprovadas, começou de fato a participação nas atividades do Programa. Começamos com os encontros de formação continuada, essas Reuniões foram muito importantes para nós, para nossa prática pedagógica, pois nessas ocasiões discutíamos textos que tratavam da formação das/os futuras/os professoras/es e o que era mais interessante nesses debates é que tínhamos várias vozes que se pronunciavam: as/os alunas/os residentes – futuras/os professoras/es –, a professora preceptora com a visão da escola de educação básica e a professora coordenadora da Residência Pedagógica com o olhar da Universidade, este que consideramos de muita valia por se tornar um canal de diálogo entre a universidade e a escola básica, essa aproximação foi fundamental quando falamos da



formação das/os novas/os docentes e das/os docentes que já estão atuando. Essas reuniões de formação eram verdadeiros ambientes de aprendizagem, pois eram espaços de variadas possibilidades de reflexão do ensino e da criatividade coletiva, passando pelos textos trabalhados, que eram materiais com temáticas bastante pertinentes, a organização da sala em círculo, que permitia a visualização e a participação de todos os presentes, até chegar à mediação da professora coordenadora, que era de forma dinâmica, expressando sua contribuição, porém, considerando todas as vozes que se pronunciavam, com humildade e sabedoria.

Evidenciar esses dois momentos que caracterizam o primeiro contato com a universidade, a saber: a entrevista e os encontros de formação, nos faz recorrer ao conceito de “diálogo” em Paulo Freire (2003). Para ele, o diálogo explicitado através do conceito de educação dialógica, tem alguns elementos constitutivos, dentre eles, a confiança e o pensamento crítico. De acordo com esse autor, a confiança é o alicerce do diálogo, a confiança é o elemento essencial da construção de uma relação sólida na busca da transformação das pessoas e do mundo. Certamente a relação mantida entre escola e universidade foi pautada na confiança, à medida que nossa visão sobre a universidade é que trata-se de um contexto onde o conhecimento é problematizado, discutido e redimensionado. Já o pensamento crítico, pode ser relacionado às reuniões de formação onde as variadas vozes se expressavam e concretizavam as possibilidades de mudanças, de aprender por diferentes perspectivas. Paulo Freire (2003), assegura que o pensamento crítico ajuda a vislumbrar uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, retomando esse contato inicial podemos confirmar que foi marcado por confiança e o desenvolvimento do pensamento crítico.

A seguir, faremos uma exposição acerca do processo de imersão dos alunos residentes na escola de educação básica, ressaltando, principalmente, as fases de observação e regência.

A IMERSÃO NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA DE DIÁLOGO

Dando continuidade as atividades da Residência Pedagógica, houve a preparação das/os alunas/os residentes para começarem a frequentar a escola de educação básica, para o período de observação da nossa prática pedagógica. Acredito que esse período foi de máxima importância para a formação das/os alunas/os de licenciatura em Sociologia, uma vez que, adentrando a escola, as/os futuras/os professoras/es tiveram a oportunidade de compreender a dinâmica de funcionamento da mesma, de um modo geral. De modo consequente, a



observação das aulas permitiu que as/os futuras/os docentes pudessem compreender como se estrutura uma aula de Sociologia, os conteúdos trabalhados, as atividades propostas, a participação das/os estudantes, as intervenções da/o professora/or, as formas de avaliação, enfim, como ocorrem de fato as aulas. De nossa parte, como professora de educação básica, esse período contribuiu grandemente para uma reflexão crítica da prática pedagógica. Antes da experiência no Programa, realizávamos nossas funções na escola e já nos víamos muito acomodadas com as situações do cotidiano, durante o desenvolvimento da Residência, especificamente, no período em que os residentes estavam observando nossas aulas, nos preocupamos em planejar melhor, buscar novas atividades, pesquisar, estudar, para fazer o melhor para as/os minhas/meus alunas/os e para colaborar com a formação daquelas/es que estavam assistindo as aulas, em consequência, isso impactou positivamente nossa ação enquanto professora, resultando numa aprendizagem melhor de nossas/os alunas/os. Nesse sentido, relacionar essa ideia ao conceito de experiência em Bondía (2002), nos permite perceber que, o fato dos alunos residentes estarem em nossa sala, observando nossas aulas, nos fez realizar uma auto reflexão a respeito de nossa prática pedagógica e aperfeiçoá-la.

Refletindo a respeito do período de observação e retomando as concepções freireanas, destacamos o que ele denominava de segurança e competência profissional, para a prática educativa. A/O professora/or que não leva a sério o seu processo de formação, que não estuda, não tem segurança no que faz e não tem força moral para coordenar uma sala de aula. Freire (1996), acrescenta a generosidade, para ele, esta é indispensável no processo de formação e que não há nada mais mesquinho do que a intolerância e o egoísmo quando falamos de compartilhamento do conhecimento. Com efeito, julgamos que no período de observação de nossa prática educativa, por parte das/os alunas/os residentes, empenhamo-nos ao máximo na tarefa de sermos seguras/os naquilo que fazíamos em sala de aula, de desenvolvermos nossa ação pedagógica com competência e, principalmente, sermos generosas/os no partilhamento do conhecimento e no processo de formação das/os alunas/os residentes.

Como continuidade das atividades da Residência veio, posteriormente, o período da Regência, nessa fase, as/os alunas/os residentes ministraram as aulas sob a nossa orientação como professora preceptora. Julgamos que essa fase foi riquíssima quando falamos na formação das/os novas/os professoras/es. Nesse tempo, elas/es prepararam suas aulas, planejaram atividades, organizaram formas de avaliação e ministraram suas aulas. Inicialmente foi muito difícil, pudemos perceber o nervosismo delas/es ao se verem frente a uma turma de alunas/os, responsáveis por mediar o processo de ensino e aprendizagem, a



insegurança quanto aos conteúdos, à falta de conhecimento prévio relacionado com a postura de uma/um professora/or. Diante dessas carências, logo iniciamos um processo de reflexão. Enquanto as/os residentes ministravam suas aulas, fazíamos anotações e no final conversávamos sobre essas anotações em que demonstrávamos os pontos que poderia ter sido melhor planejado, o que precisavam estudar mais, a necessidade de realizarem mais pesquisas, fazíamos isso com muito cuidado, para elas/es entenderem que o erro fazia parte do processo de aprendizagem, não sendo negativo, mas construtivo. Esses diálogos desenvolvidos, permitiram construir um sentimento de confiança e de segurança por parte dos alunos residentes, a ponto destes perceberem o erro como possibilidade de produção de saberes e conhecimentos. Assim, compreendemos esse processo como de fundamental relevância para a formação das/os alunas/os, futuras/os professoras/es, pois a cada semana, elas/es tomavam consciência que necessitavam planejar melhor, estudar mais e, assim, iam crescendo e se formando. Paralelamente, os encontros na Universidade continuavam ocorrendo, nessas ocasiões a regência das/os alunas/os residentes também era objeto de conhecimento, discutíamos questões referentes a essas experiências das/os licenciandas/os e a professora coordenadora também contribuía com suas concepções e o seu olhar enquanto universidade, local de formação das/os novas/os docentes.

Analisando o relato de como ocorreu à fase da regência, buscamos nos fundamentar em Freire (2003) quando retomamos seus pressupostos sobre a práxis educativa. Segundo ele, a práxis tem dois elementos básicos: a ação e a reflexão, ambos constituídos pela palavra que é a essência do diálogo. Nesse sentido, é preciso agir e refletir para melhorar sua próxima ação, isso levará a transformação do mundo e a libertação das pessoas, preocupações constantes de Paulo Freire. Logo, se relacionarmos nossas atitudes durante o período da regência ao conceito de práxis freireano, percebemos que agimos em conformidade com o que o autor afirma, a cada aula colocada em prática, realizávamos um processo de rever o que foi feito para corrigir os erros e avançar, como está bem explicitado acima.

Além da observação e da regência, os licenciandos participaram de outras atividades na escola, a exemplo da Mostra Pedagógica e o Projeto de formação do Grêmio Estudantil, ações essas que relataremos a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

AS TRILHAS DE DIÁLOGOS DE OUTRAS EXPERIÊNCIAS



Além das Reuniões de formação na universidade, o período de observação e de regência, a Residência Pedagógica também proporcionou as/aos alunas/os, se envolverem em diversas atividades que ocorreram na escola durante o tempo em que elas/es estiveram lá, a exemplo da Mostra Pedagógica, evento que ocorre anualmente e que é um momento muito esperado pela comunidade escolar, por se tratar de uma oportunidade aonde as/os alunas/os da escola expõem seus trabalhos, participam de peças teatrais, de oficinas, de atividades diversas. Na mostra de 2019, as/os alunas/os da Residência desenvolveram sob nossa orientação e ajuda das/os alunas/os da escola, especificamente, da turma do 3º ano “D”, um pequeno projeto, denominado “Feira das Profissões”, nele montamos uma sala onde expusemos várias profissões com o objetivo de esclarecer as/aos alunas/os do 3º ano, pois muitos chegam nessa fase sem saber o que fazer em termos de profissão. Esse projeto foi de grande valia à medida que as/os alunas/os da referida turma se caracterizaram com as/os principais profissionais, a exemplo de médico, professor, engenheiro, advogado, veterinário, dentre outras/os, e quando as/os visitantes da Mostra passavam pela sala, elas/es iam explicando a história de cada profissão, sua prática, mostravam alguns instrumentos de trabalho daquela/e profissional. Em suma, reconhecemos que esse momento foi de grande importância para todas/os as envolvidas/os. Para as/os alunas/os residentes foi uma oportunidade de participar de todas as fases de um projeto pedagógico: planejamento, execução e avaliação, etapas fundamentais para a formação das/os futuras/os docentes. Para as/os estudantes que participaram e para as/os que visitaram, puderam compreender um pouco desse universo que envolve o mundo das profissões, entendimento crucial para elas/es. E para nós, como coordenadores de todo esse processo, nos fez repensar muitas práticas, muitas teorias e contribuiu inquestionavelmente para nosso crescimento intelectual, profissional e humano.

Além da Mostra Pedagógica, as/os futuras/os docentes envolveram-se em várias atividades, a exemplo da Semana da Consciência Negra, Reunião de Planejamento Pedagógico, Reunião do Conselho Escolar e o mais relevante de todas essas atividades, foi o desenvolvimento do Projeto de constituição do grêmio Estudantil. Por se tratar da disciplina Sociologia, esse projeto foi de máxima relevância, além das/os alunas/os residentes terem vivenciado o desenvolvimento de um projeto pedagógico da escola, a formação do grêmio estudantil foi um momento de experienciar variados conteúdos de Sociologia: participação política, liderança, direitos e deveres, leis, movimentos sociais, entre outros. Esse projeto nos fez aprender muito à medida que foi uma experiência enriquecedora como professora de Sociologia, ajudando a formar novas/os docentes deste componente. Foi um



processo de idas e vindas, de construção e desconstrução, de avanços e recuos. Afirmamos isso porque caracteriza bem o desenvolvimento deste projeto. A cada atividade realizada tínhamos a sensação que estávamos no caminho certo, dito de outra forma, sentíamos que as/os alunas/os estavam motivadas/os à participar, formar chapas e quando retornávamos na semana seguinte, elas/es argumentavam que estavam com medo, que não ia dá certo e, assim, tínhamos que começar tudo de novo. Contudo, reconhecemos que esse processo foi relevante para o crescimento de todas/os as/os envolvidas/os e o mais importante de tudo isso é que conseguimos formar o Grêmio da escola.

Nessa discussão, a respeito da experiência no Programa Residência Pedagógica, gostaríamos de ressaltar a relação entre a universidade e a escola de educação básica. Durante o avanço do programa, essa relação se concretizou com a presença da professora coordenadora em atividades na escola básica, a participação da professora preceptora na universidade e, principalmente, a presença das/os alunas/os residentes na escola. Sabemos da importância desse contato – escola básica/universidade – para a formação das/os novas/os professoras/es da educação básica. Isso porque permite que a universidade possa entender a dinâmica de funcionamento da escola básica, transformando esse entendimento em objeto de discussão e de conhecimento e, conseqüentemente, esse conhecimento seja compartilhado com as/os futuras/os professoras/es. Já para escola, a familiaridade com a universidade vem colaborar diretamente no estudo, na pesquisa, por parte de seu corpo docente e o aprimoramento da prática pedagógica, de um modo geral. Enfim, essa relação pressupõe formação, que é essencial para o exercício pedagógico frente às transformações impostas pelo mundo globalizado.

Analisando o relato das práticas descritas acima, recorreremos ao teórico Jorge Bondía e sua concepção de experiência para, teoricamente, embasar os nossos escritos. É relevante observar que o autor mencionado pesquisa o conceito de experiência abordando-o dentro do contexto do mundo da informação, da opinião, do tempo e do trabalho. Do mesmo modo, para ele, “experiência é o que nos toca, é o que nos acontece” (p. 5) e que tem sentido. Já o sujeito da experiência se define por sua receptividade, disponibilidade e abertura. Bondía (2002), ainda destaca que experiência é algo que nos acontece, nos alcança e nos transforma, com efeito, o autor cita também o saber que vem da experiência, esse saber se dá na relação do conhecimento com a vida humana. Segundo ele, a experiência é algo irrepetível, é algo que não se pode prever o resultado, não é um caminho objetivo, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar. Considerando estes pressupostos e



correlacionando a descrição realizada acima a respeito da experiência vivida no Programa Residência Pedagógica, compreendemos que vivenciar essas práticas foi uma oportunidade para viver uma experiência que tinha sentido, que nos tocava, que estávamos sempre abertas/os, disponíveis para aprender e melhorar nossa atuação como professora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar nosso texto, gostaríamos de ressaltar que este artigo trata-se de um relato de uma experiência vivenciada pela autora no Programa Residência Pedagógica de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba. Este programa objetiva fomentar a formação de alunos de licenciatura a partir da metade de seu curso. Em nosso caso, recebemos dez alunos do curso de Licenciatura em Sociologia da UEPB na Escola Estadual Carlota Barreira em Areia-PB, onde atuamos como professora. Esses alunos adentram a escola para conhecer a realidade da mesma, observar aulas, desenvolver a regência e projetos de intervenção, entre outras atividades.

O programa Residência Pedagógica de Sociologia contribuiu de forma inquestionável para a escola, para a professora preceptora e, principalmente, para a formação das/os futuras/os docentes. E essa formação se deu, desde a preparação de um plano de aula, a mediação de uma temática, até a forma de se vestir, de se comportar numa escola, numa sala de aula. Como pedagoga posso fazer essa avaliação positiva, pois pudemos perceber o crescimento dessas/es alunas/os e como elas/es foram se transformando em professoras/es.

Outra questão que não podia deixar de mencionar é a comparação que fizemos entre o curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba e o Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande onde nos formamos em de 2010. Compreendemos que o primeiro dá as/aos suas/eus alunas/os uma formação bem próxima da realidade, isto é, as/os futuras/os docentes saem bem mais preparadas/os para o enfrentamento real da escola de educação básica, enquanto que a/o segunda/o, era muito teórico, lá nem se quer falava-se na possível ida da/o aluna/o a uma escola básica, as disciplinas da área de educação são desvalorizadas e não se dá a sua devida relevância, com exceção de um estágio que ocorria, geralmente, no final do curso, porém algo muito repentino que não abrangia a formação da prática de uma/um professora/or.

Mediante o exposto, julgamos necessário o investimento em programas como esses e destacamos a relevância dessas ações para os alunos de licenciatura, à medida que, estes



colocam o futuro professor dentro do contexto de possível atuação, que é escola de educação básica e, assim, os novos docentes sairão das instituições formadoras, com uma formação mais sólida, mais consistente e mais próxima da realidade que por ventura encontrarão.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. – Acesso em março de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1992.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornélia. **Etnografia: saberes e práticas**. Artigo publicado no livro organizado por Cely Regina Jardim Pinto e Cesar Augusto Barcellos Guazzelli. Ciências humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. Disponível: em <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/viewfile/9301/5371>>. – Acesso em: março de 2020.

RODRIGUES, Janine Marta. **Formação docente: coletando textos, discutindo ideias**. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 2004.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.